

Produtos da linguagem: a hora e a vez de Macabéa¹

Productos del lenguaje: la hora y la vez de Macabéa

Products of language: the time and turn of Macabéa

Goiamérico Felício Carneiro dos Santos²

Resumo

Na ordem do mercado dos bens simbólicos, em A hora da estrela, não estaria presentificada a enunciação discursiva da linguagem-produto? Não teríamos, nessa trama textual clariceana, uma linguagem não acessível, desafiadora, que fala de seus processos, de suas carências, driblando inúteis tentativas de decifrar, interpretar a vida e o destino de uma invisível Macabéa repleta de silêncios? Nessa obra, que mais claramente prenuncia a morte de uma estrela que explode sem experimentar o fulgor, a intensidade da vida plena, não teríamos a representação de uma linguagem em crise por ser autoconsciente de sua precariedade? Nessa enunciação romanesca clariceana, a linguagem-produto se instaura, qual uma esfinge devoradora, apontando para os abismos dos nossos macabeicos destinos.

Palavras-chave: Linguagem. Comunicação. Produto. Bens simbólicos. Consumo. Clarice Lispector.

Resumen

¿En el orden del mercado de los bienes simbólicos, en A hora da estrela [La hora de la estrella] no estaría presentificada la enunciación discursiva del len-

1 Trabalho apresentado no 6º Simpósio Nacional Comunicação e Práticas de Consumo. Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM/SP, Campus Álvaro Alvim, São Paulo, 11-12 ago. 2008.

2 Poeta, mestre em Estudos da Linguagem, doutor em Letras, integra a linha de pesquisa Mídia e Cultura e é coordenador do Programa de Pós-Graduação (*stricto sensu*) em Comunicação da Facomb – Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFC. E-mail: goiamerico@uol.com.br.

guaje-producto? ¿No tendríamos, en esta trama textual clariceana, un lenguaje no accesible, desafiador que habla de sus procesos, de sus carencias, esquivando inútiles tentativas de descifrar, interpretar la vida y el destino de una invisible Macabéa repleta de silencios? ¿En esta obra, que más claramente prenuncia la muerte de una estrella que explota sin experimentar el fulgor, la intensidad de la vida llena, no tendríamos la representación de un lenguaje en crisis por ser auto-consciente de su precariedad? En esta enunciación romanesca clariceana, el lenguaje-producto se instauro, como una esfinge devoradora, señalando los abismos de los nuestros macabéicos destinos.

Palabras-clave: Lenguaje. Comunicación. Producto. Bienes simbólicos. Consumo. Clarice Lispector.

Abstract

In the order of the symbolic goods market, in A hora da estrela, wouldn't the discursive enunciation of the language-product be rendered present? Wouldn't we have, in this Clarician textual tessitura, an inaccessible and defying language that bespeaks of its processes, of its lacks, escaping any attempts of deciphering or interpreting the life and destiny of an invisible Macabéa full of silences? In this work, the one that most clearly foresees the death of a star that explodes without experiencing the full intensity of life, wouldn't we have the representation of a language in crisis for being self-conscious of its precariousness? In this Clarician Romanesque enunciation, the language-product come to being, as a devouring sphinx pointing to the abysses of our Macabeanian destinies.

Keywords: Language. Communication. Symbolic goods. Consumption. Clarice Lispector.

A linguagem *experimentum*

Nos meus livros publicados, assim como naqueles que eu não escrevi, vem à luz uma única reflexão obstinada: o que significa “há linguagem”, o que significa “eu falo”?

Giorgio Agamben

Em suas reflexões acerca da infância no plano de uma historização do sentido da vida experienciada pelo humano, Giorgio Agamben não concebe a existência humana, no plano de sua imanência, fora da experiência da linguagem. A inferência de Agamben é concebida tendo a linguagem como pura exterioridade; uma linguagem exarada de suas forças primevas, pura potência, incontida, avassaladora, situada no “fora” do pensamento, aquém e além das possibilidades do dizível.

As considerações de Agamben nos levam a compreender que a experiência da linguagem, inexoravelmente, torna-se dolorosa inclusive para todo autor soterrado pelo peso da consciência de sua responsabilidade com o dizer por meio de inauditas palavras. Via uma linguagem primeiramente experienciada por ele, escritor/inventor de linguagens, que assim se considera responsável pelo papel de dizer o não dito, provocando o estranhamento no leitor, nos termos propostos pela teoria da literatura dos formalistas russos.

Tal estratégia discursiva é empreendida pelos escritores mais experimentados e, por isso, conscientes de seus papéis face à escrita: o inarredável comprometimento com a forma, a estrutura de linguagem deve se constituir no maior embate. Nessa perspectiva, os escritos tendem a se tornar perenes, podendo atingir o *status* de escritura,³ que assim pode provocar uma nova experiência de leitura, um novo efeito discursivo por eles, os formalistas russos, denominada literariedade da linguagem.

³ O termo se refere ao sentido conferido por Roland Barthes, como *écriture*, escritura, a escrita que dura.

Mas esses autores que atingiram esse grau de maioridade em suas escrituras podem, também, por meio de outra estratégia discursiva, transferir aos seus personagens esse mal-estar que lhes provoca a linguagem. Nessa estratégia discursiva, ocorre outra categoria literária, assim denominada: a morte do autor⁴ (BARTHES, 1998, p. 210). Tal estratégia ensaja o apagamento do autor para o surgimento das vozes das personagens que, assim, assumem os interditos, os não ditos pelo autor. Nesse papel, as personagens também se veem às voltas com o *experimentum* da linguagem. Essa experiência não simplesmente provoca a ausência do que dizer, quando se impõe o indizível, mas leva a personagem a um estágio primevo da sua existência, a fase pré-linguística vivida pela infância que, ainda assim, ao contrário do que comumente pode-se pensar, não se vê “fora” da linguagem (AGAMBEN, 2007, p. 11).

É dessa perspectiva que Martin Heidegger nos impele a pensar que qualquer experiência que vivemos, qualquer acontecimento, se dá pelo fato de que “fazer uma experiência com algo, seja com uma coisa, com um ser humano, com um deus, significa que esse algo nos atropela, nos vem ao encontro, chega até nós, nos avassala e transforma” (HEIDEGGER, 2003, p. 121).

Sabemos que a linguagem preexiste à palavra, contudo, essa modalidade discursiva não pode ter existência fora dos limites da linguagem. Assim, entendemos com Heidegger que “fazer experiência com a linguagem é algo bem distinto de se adquirir conhecimentos sobre a linguagem (idem, p. 122). Na senda do pensamento de Heidegger, vemos que a experiência com a palavra implica que é a linguagem que reivindica o Ser para que, em um de seus movimentos, possa o homem se elevar enquanto sujeito de sua história, ao se harmonizar, integrar-se em harmonia com a linguagem (idem, ibidem). Renitentemente, as reflexões de Heidegger acerca da essência da linguagem nos levam ainda a perguntar:

⁴ Esse termo literário que veio a se constituir em categoria, ou conceito literário, também foi formulado por Roland Barthes, num seminal ensaio “A morte do autor”, inserido em sua obra *Ensaaios críticos*.

Mas onde a linguagem como linguagem vem à palavra? Raramente, lá onde não encontramos a palavra certa para dizer o que nos concerne, o que nos provoca, oprime ou entusiasma. Nesse momento, ficamos sem dizer o que queríamos dizer e, assim, sem nos darmos bem conta, a própria linguagem nos toca, muito de longe, por instantes e fugidamente, com o seu vigor (idem, p. 123).

A linguagem torna-se um ser autônomo, fugidio, que tanto pode comparecer quanto pode ficar à sombra quando solicitada a nos fornecer a palavra exata para que possamos expressar algo, algum desejo, alguma palavra de ordem. Nesse jogo inebriante e perigoso, vemos que onde falta a palavra, a linguagem se insinua, nos toca e... nos açoita! Assim, como bem nos diz o poeta Stefan George, no último verso de seu fortíssimo poema, “A palavra”, que tão agudamente provoca as reflexões de Heidegger acerca da essência da linguagem: “Nenhuma coisa seja onde a palavra faltar”.

A linguagem-produto

Vemos assim que o infinito da linguagem torna-se um jogo perigoso, constituindo o *pharmakon*, que tanto pode provocar desconfiança quanto êxtase, conforme vemos em *Fedro*. É, pois, nesse discurso apologético que nos sentimos ensejados a apressadamente considerar uma condenação socrática dessa nova possibilidade de jogos verbais capazes de, ao mesmo tempo, esclarecer, mentir, levar ao lúdico, à falsa sensação de verdade.

Poderíamos, nessa senda heideggeriana, pensar a palavra como não só um produto da linguagem, mas também como um produto disponível no mercado dos bens simbólicos? Seria a palavra um produto nem sempre acessível que tanto pode livrar o ser de inconveniências quanto pode se constituir num perigo? Estaríamos condenados ao *experimentum* da linguagem como um fármaco – veneno, remédio ou cosmético – conforme nos admoesta o mestre Platão em *Fedro*?

Se entendemos, sem maiores dificuldades, que a palavra pode ser constituída como um produto da linguagem, resta agora buscar uma

compreensão plausível para o sentido da palavra-linguagem como produto. Para isso, vejamos qual é o sentido que se dá ao termo produto e que nos permite obter, assim, o conceito do que seja assente como produto. Philip Kotler, em sua definição do conceito *produtos*, pondera que

as empresas, em sua maioria, se definem pelos produtos. Respondendo à pergunta: de que maneira as empresas decidem o que vender?, Kotler aponta quatro caminhos possíveis para a oferta de produtos tangíveis e intangíveis: 1. vender algo que já existe; 2. fabricar algo que alguém pede; 3. antecipar-se a algo que será pedido; 4. fabricar algo que ninguém pede, mas que dará grande prazer aos clientes (KOTLER, 2003, p. 185).

Esses quatro caminhos encontrados pelas empresas para ofertar seus produtos, não são confluentes com as motivações que impelem um escritor a se entregar às suas experiências com a linguagem? Não teremos aqui um modelo de constituição das tramas discursivas, da construção das personagens, da constituição dos enredos, das tramas que dão o *leitmotiv* para suas obras?

Conforme a constituição teórica do mercado dos bens simbólicos, levada a cabo por Pierre Bourdieu,

tudo leva a crer que a constituição da obra de arte como mercadoria e a aparição, devido aos progressos da divisão de trabalho, de uma categoria articulada de produtores de bens simbólicos especificamente destinados ao mercado propiciaram condições favoráveis a uma teoria pura da arte – da arte enquanto tal – instaurando uma dissociação entre a arte como simples mercadoria e a arte como pura significação (BOURDIEU, 2001, p. 103).

Como vimos no esteio da longa história da literatura, os autores, na construção de suas tramas romanescas, põem-se à sombra e, qual demiurgos, colocam em cena personagens que assumem suas múltiplas vozes através de inúmeros disfarces, ou *personas*, personagem-autor, que cumprem papéis de *alter ego* dos escritores, narradores homo, auto e heterodiegéticos, que cumprem seus destinos dentro dos planos da objetividade, da subjetividade, da consciência ou inconsciência das ações por eles perpetradas ou sofridas.

Em *A hora da estrela*, a escrita de Clarice Lispector nos coloca no caminho de uma personagem que vive uma dolorosa via-crúcis em sua experiência cidadina, vivendo seu flagelo cotidiano, às voltas com o *experimentum* da linguagem, que implacavelmente a açoita.

A personagem Macabéa estaria entregue à própria sorte pela simples razão de que, na economia das trocas simbólicas, a palavra seria um produto da linguagem da qual ela se encontra apartada? Qual seria a resposta de Macabéa caso lhe fosse repassada esta questão interposta por Heidegger na abertura de seu ensaio “A essência da linguagem”: “Supondo-se que alguém nos lance subitamente a pergunta ‘que relação vocês mantêm com a língua e a linguagem que vocês falam?’, não haveríamos de ficar sem resposta. Logo encontraríamos um fio condutor, uma referência capaz de nos orientar por caminhos seguros” (HEIDEGGER, 2003, p. 121).

Como falantes da linguagem, segundo Heidegger, apenas a fala tem o condão de nos aproximar de uma linguagem que, ainda assim, se mantém arredia, obscura, relutante em nos propiciar o dizível, o determinado, o plenamente claro. Assim, arriscamos a pergunta: qual seria a experiência dizível por Macabéa em relação ao seu *experimentum* da linguagem? Não estaria aqui a chave de leitura desse romance cuja personagem severina se enreda e se enrola com essa personagem sem nome e reconhecimento por parte dos intérpretes, uma personagem-linguagem opaca, sibilina, enigmática e cruel a ponto de levar Macabéa a falsas epifanias, enredando-a enquanto não chega o momento do destino fatal?

Nossa proposta de leitura para essa narrativa do périplo de uma nordestina sem eira nem beira rumo à sua hora de estrela é uma história do desencontro de linguagens. Ou, a antissaga do protótipo de uma anti-heroína, da linhagem dos Macabeus – povo hebreu guerreiro de índole bravia, heroica e trágica, pois se colocavam sob incomensuráveis perigos em defesa de seus territórios. Pobre Macabéa, sem território a defender, a não ser o território constituído pelo seu mirrado corpo desaparecido, não desejado! Pobre personagem sem provas a vencer, sem destino a cumprir, a não ser ficar sob a mira e as artimanhas de um narrador que a coloca como cobaia a experimentar e comprovar as teses deterministas

de um romance-experiência! Outra hipótese de leitura: eis uma personagem-pretexto para que seja ensejada a enunciação discursiva de uma literatura que esteja *pari passu* com a modernidade tardia para a qual a linguagem-objeto é a principal personagem em permanente crise...

São muitas as perspectivas de interpretação, mas sigamos o trajeto aqui vislumbrado dessa personagem-cobaia, vítima da sociedade do hiperconsumo, consumida que é sem que seus silentes apelos de realização e alcance da felicidade sejam atendidos. A condenação de Macabéa talvez possa ser melhor entendida a partir da premissa de Don Slater de que “a cultura do consumo é cultura de consumo”:

a noção de “cultura do consumo” implica que, no mundo moderno, as práticas sociais e os valores culturais, ideias, aspirações e identidades básicos são definidos e orientados em relação ao consumo, e não a outras dimensões sociais como trabalho ou cidadania, cosmologia religiosa ou desempenho militar. Descrever uma sociedade em termos de seu consumo e supor que seus valores essenciais derivam dele é uma postura que não tem precedentes: uma cultura militarista, uma cultura agrária, uma cultura marítima... não uma cultura do consumo! (SLATER, 2002, p. 32).

Na contramão dos valores elencados pela aguda descrição de Slater, a personagem Macabéa é invenção de um narrador metamorfoseado na *persona* masculina. Além disso, para ganhar foros de verossimilhança e credibilidade na escrita, que é seu empreendimento inarredável, esse narrador travestido num falso “eu lírico” masculino, para ficar no mesmo nível da moça ainda sem nome, tem de se desfigurar num homem rústico, maltrapilho e braçal.

Que destino poderia ter na sociedade do consumo uma personagem assim apresentada: “O fato é que tenho nas minhas mãos um destino e no entanto não me sinto com o poder de livremente inventar: sigo uma oculta linha fatal. Sou obrigado a procurar uma verdade que me ultrapassa. Por que escrevo sobre uma jovem que nem pobreza enfeitada tem?” (LISPECTOR, 1993, p. 35).

Vivendo sob o império da lógica social do consumo, Macabéa circula em meio a um mundo em que a felicidade é ofertada através das vitrines, dos anúncios de jornais e radiofônicos. Em suas peregrinações pela urbe,

ela sequer ousa, racionalmente, reivindicar seu direito a um quinhão de felicidade. Essa espécie de antítese dos Macabeus não tem a pretensão de encontrar a salvação para a sua parca existência através do consumo. Não tem ela também a pretensão à igualdade em relação aos habitantes da urbe que não a acolhe. Nem essa consciência, a de que há para ela um não lugar para seu ser na sociedade em que todos buscam a realização do conforto e dos prazeres. Mais ainda: nem ao menos a necessidade de que é tomada e que aflige sua existência é motivo de tormento para Macabéa.

Lembremos, com Jean Baudrillard, que nossa modernidade é constituída pela ideologia igualitária do bem-estar:

Todo discurso sobre as necessidades assenta numa antropologia ingênua: a da propensão natural para a felicidade, inscrita em caracteres de fogo por detrás da menor publicidade para as Canárias ou para os saís de banho, a felicidade constitui a referência absoluta da sociedade de consumo, revelando-se como equivalente autêntico da *salvação*. Mas que felicidade é esta, que assedia com tanta força ideológica a civilização moderna? (BAUDRILLARD, 1995, p. 47).

Parece que, natural, ingênua e inconscientemente, Macabéa contesta essa ideologia igualitária do bem-estar. Não acredita ela nos mitos da felicidade e da igualdade. Mesmo sendo assediada pelos produtos de consumo do dia a dia, no que concerne ao uso dos prazeres da moda e da beleza, dos quais está tão distante por natureza e destino, Macabéa ecoa o seu silente grito de resistência:

Também esqueci de dizer que o registro que em breve vai ter que começar – pois já não aguento a pressão dos fatos – o registro que em breve vai ter que começar é escrito sob o patrocínio do refrigerante mais popular do mundo e que nem por isso me paga nada, refrigerante esse espalhado por todos os países. Aliás foi ele quem patrocinou o último terremoto em Guatemala. Apesar de ter gosto do cheiro de esmalte de unhas, de Sabão Aristolino e plástico mastigado (LISPECTOR, 1993, p. 38).

O narrador, que sofre por ter a consciência atormentada pelos apelos comerciais e publicitários do mundo pobre de perspectivas e de sentidos para uma existência plena em sua essência de ser, parece se condoer

pele lugar onde terá de inserir a personagem para viver a sua via-crúcis. Uma personagem com a qual, diga-se de passagem, esse narrador tanto se identifica.

Talvez por isso mesmo, devido a essa indesejada identificação, o narrador tanto sofre, hesita, posterga a apresentação da personagem para viver as peripécias que ensejarão seu destino, sua hora de estrela, sua inserção no mundo do consumo; no mundo onde os produtos estão imiscuídos na vida da urbe. A oferta e a procura parece ser o *leitmotiv* das existências ao redor de uma Macabéa carente de tudo o que, na sociedade moderna do consumo, significa realização: “Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Nada verdade – para que mais que isso? O seu viver é ralo. Sim. Mas por que estou me sentindo culpado?” (idem, *ibidem*).

A carência da personagem é tanta e tamanho seu conformismo ou alheamento, que o narrador se sente quase ultrajado, a ponto de descrevê-la com rudeza, implacavelmente: “ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio [...] Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz” (idem, p. 42).

Talvez por ser dada ao esquecimento – seria essa propensão uma estratégia de sobrevivência para continuar resistindo? – Macabéa não tinha consciência da morte, sequer de que estava viva; esquecida do passado, do nome dos pais, da vida nordestina, essa nordestinada. Os apelos do mundo midiático concentravam sua atenção e, com isso, desviavam os pensamentos acerca da sua triste condição de sobrevivente na selva de concreto e asfalto. Ganhava novos sentidos sua precária existência?

No rádio, ela entrava em sintonia com o mundo, alimentando-se de cultura. A Rádio Relógio contava para ela as horas, os minutos, sem música que embalasse seus impossíveis sonhos. Apenas as horas anunciadas e os anúncios, que tanto aglutinavam sua atenção e seus interesses, acalentavam a discreta e silente Macabéa, colocando-a na ordem do cotidiano:

Todas as madrugadas ligava o rádio emprestado por uma colega de moradia, Maria da Penha, ligava bem baixinho para não acordar as outras, ligava invariavelmente a Rádio Relógio, que dava “hora certa e cultura”,

e nenhuma música, só pingava em som de gotas que caem – cada gota de minuto que passava. E sobretudo esse canal de rádio aproveitava intervalos entre as tais gotas de minutos para dar anúncios comerciais – ela adorava anúncios (idem, p. 53).

Fora desse mundo ainda tenuemente midiático, Macabéa vivia seu vazio existencial, sua pureza de santa desprevenida, inconsciente da sua imaculada existência. Pureza, sim, apesar de ser assaltada pelos prazeres jamais realizados. Pureza também como forma de resistência, pelo fato de que a não realização dos seus prazeres chegavam até ela “pelas tintas dos jornais”.

Nas frígidas noites, ela, toda estremecente sob o lençol de brim, costumava ler à luz de vela os anúncios que recortava dos jornais velhos do escritório. É que fazia coleção de anúncios. Colocava-os no álbum. Havia um anúncio, o mais precioso, que mostrava em cores o pote aberto de um creme para pele de mulheres que simplesmente não eram dela (idem, p. 54).

Presentifica-se aqui a insurgência de um estado de desejo provocado pelos produtos belamente apresentados pelos apelos publicitários. Tais produtos que chegam ao mínimo mundo de Macabéa não fazem parte do seu rol de consumo; eles estão ao alcance de sua atenção, mas fora de suas possibilidades financeiras. Mesmo assim, o desejo de consumo se instaura nesses momentos de devaneios. Mas o desejo é tênue, sem tormentos, sem crise de angústia ou revolta diante da impossibilidade de acesso a produtos que não estavam ao seu alcance:

Executando o fatal cacoete que pegara de piscar os olhos, ficava só imaginando com delícia: o creme era tão apetitoso que se tivesse dinheiro para comprá-lo não seria boba. Que pele que nada, ela o comeria, isso sim, às colheradas no pote mesmo (idem, *ibidem*).

Tamanho é o estado de inconsciência da nordestina que ela nem pressente o final trágico de sua pobre existência. Ao contrário, ela se deixa enganar pelas falsas epifanias. O narrador dá pistas do destino fatal que se avizinha e é inevitável. Por isso, ele procura adiar o fim da história. Afinal, essa postergação, esse jogo de linguagem serve muito mais para que ele, narrador, ganhe tempo enquanto tenta, inutilmente,

resolver seu verdadeiro e terrível problema existencial: sua luta com as palavras, seu embate com a linguagem:

Mas desconfio que toda essa conversa é feita apenas para adiar a pobreza da história, pois estou com medo. Antes de ter surgido na minha vida essa datilógrafa, eu era um homem até mesmo um pouco contente, apesar do mau êxito de minha literatura (idem, p. 31).

“A hora da estrela”

O narrador confessa: “é preciso falar da nordestina senão sufoco” (idem, *ibidem*). Essa identificação com a personagem, essa necessidade premente de colocá-la num processo de enunciação romanesca não decorreria da necessidade de falar de si próprio, de falar de seus tormentos mais íntimos, de seus impasses e empecilhos ante a linguagem? A construção da antissaga de Macabéa, seu destino funesto, não estaria se constituindo num mero pretexto para que fosse constituída uma literatura moderna, voltada sobre si mesma? Assim, a fábula se constituiria tão somente na força motivacional, apenas um pretexto para que o escritor consciente de seu ofício possa falar dos seus tormentos na investidura da sua escrita enquanto intenta realizá-la?

As intrigas da narrativa parecem ser tão pouco evidentes, não se presentificam ações, acontecimentos, e a peripécia, nos termos aristotélicos, a ação maior que muda a ordem dos acontecimentos, vem a ocorrer apenas no epílogo da narrativa, no momento em que “a hora da estrela” se anuncia.

Eis uma escrita voltada sobre si mesma, sobre seus processos. A estrutura, a necessidade de dar forma à obra é tão mais evidente que o conteúdo, que este acaba sendo subsumido. Afinal, a vida da personagem Macabéa não tem qualquer importância.

Destarte, temos a insurgência de uma personagem maior da narrativa: a própria linguagem, a palavra inventada, a escrita inventiva. Ao longo da narrativa, pululam as incidências desses processos metalinguísticos, como podemos verificar nessas indagações que inquietam o narrador:

Será mesmo que a ação ultrapassa a palavra?

Mas que ao escrever – que o nome real seja dado às coisas. Cada coisa é uma palavra. E quando não se a tem, inventa-se-a. Esse vosso Deus que nos mandou inventar.

Por que escrevo? Antes de tudo porque captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz o conteúdo. Escrevo portanto não por causa da nordestina mas por motivo de “força maior”, como se diz nos requerimentos oficiais, por “força de lei” (idem, p. 32).

Vemos, então, que o escritor se volta tenazmente para a forma da escrita, indagando seus procedimentos, sua validade, sua pertinência. Tal ato se divide entre assumir ou rejeitar a tradição. Assim, no dizer de Barthes (2004, p. 5), “a escrita clássica explodiu então e a Literatura toda, de Flaubert a nossos dias, tornou-se uma problemática da linguagem”.

Dessa forma, constitui-se a linguagem-objeto, voltada para si mesma, incapaz de dizer o mundo sem antes dizer de si, negar-se, estraçalhar-se:

Esta é a consequência: a forma literária pode doravante provocar os sentimentos existenciais que estão atados ao interior vazio de todo objeto: sentido do insólito, familiaridade, repugnância, complacência, uso, homicídio. Há cem anos que toda escrita e assim um exercício de domesticação foi de repulsa dessa Forma-Objeto, que o escritor fatalmente encontra em seu caminho, que ele tem de olhar, enfrentar, assumir, e que jamais pode destruir sem destruir-se a si mesmo como escritor (BARTHES, 2005, p. 11).

Essa letargia de Macabéa, esse estado de pureza e incapacidade para conhecer o mundo e nele se reconhecer buscando seu lugar de merecimento com as satisfações cumpridas, com a realização de sua cidadania, leva-a a pagar um alto preço. A nordestina não sabe identificar as falsas epifanias que a enganam, driblando-a do bom destino. Macabéa tem medo das palavras. No seu encontro com Madama Carlota, esta, no momento em que vai ler o destino de Macabéa para anunciar-lhe seu futuro, seu destino de felicidade, sua última e fatal falsa epifania, ainda a admoesta. Nos mesmos moldes que a leitora da sorte de Camilo, em “A cartomante”, de Machado de Assis, que dá as cartas, que, todavia, Camilo não soube ler, encaminhando-se para o destino trágico, Macabéa mostra mais uma vez ser péssima leitora, incapaz que se mostra para

vislumbrar os maus presságios a ela apresentados. Impossível seria então sequer tentar se desviar do funesto destino. Mesmo sendo completamente destituída da arrogância e da pretensão de tudo saber que perfizeram a queda de Édipo, Macabéa se encaminha para o mesmo destino do infeliz príncipe tebano que fora incapaz de decifrar o enigma da esfinge:

— Você sabe o quer dizer caftina? Eu uso essa palavra porque nunca tive medo de palavras. Tem gente que se assusta com o nome das coisas. Vocêzinha tem medo de palavras?

— Tenho, sim senhora. (LISPECTOR, 1993, p. 93).

Essas reflexões nos colocam mais uma vez nas sendas do pensamento de Heidegger acerca da essência da linguagem. A interpretação heideggeriana acerca do poema “A palavra”, de Stefan George, chega mesmo a prenunciar “a hora da estrela” de Macabéa. Sabe-se que uma estrela, no momento de finar sua luz, fica tomada de toda plenitude de seu vigor, de sua energia, de sua luz.

Com Macabéa tal fato se repetirá. No momento em que Madama Carlota revela-lhe que a vida era ruim, ela nem consciência disso tinha. O presente também é revelado como nada alvissareiro. Quanto ao futuro...:

“E eis que (explosão) de repente aconteceu: o rosto da madame se acendeu todo iluminado:

— Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! Preste atenção, minha flor, porque é da maior importância o que vou lhe dizer. É coisa muito séria” (idem, p. 95).

Falsa epifania! Madama Carlota anuncia que a vida de Macabéa daria uma reviravolta, com dias faustosos nos quais o dinheiro não faltaria, ela retornaria ao emprego e o namorado voltaria com uma proposta de casamento e, assim, seus sonhos seriam todos reconquistados. Até o cabelo voltaria com o desejo de consumo do sabão Aristolino.

Mas a derradeira e fatal revelação enganadora leva a nordestina à sua hora de estrela: ela se casaria com um loiro estrangeiro, Hans, seu príncipe encantado. Com mais essa ilusão, Macabéa vai para a rua, rumo ao seu destino, sentindo-se transformada: “E transformada por palavras – desde Moisés se sabe que a palavra é divina” (idem, p. 98).

Assim, Macabéa sentindo-se encaminhar rumo a um futuro venturoso, a felicidade lhe sorrindo, com a cabeça nas nuvens, vai atravessar a rua:

Então vai dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora, é já, chegou a minha vez!

E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a – e nesse mesmo instante em algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho (idem, ibidem).

Eis que o Mercedes amarelo brilha como fogo na nada fulgurante trajetória de Macabéa. O Mercedes que a acolhe para as núpcias com a morte, ironicamente, ostenta no capô uma reluzente estrela de quatro pontas. Essa marca identitária do cobiçado produto encontra-se cristalizada na mente dos consumidores como signo de brilho social e também de produto que dura, impõe-se sobre as demais marcas automotivas, e subitamente fará explodir (implodir?) o corpo sem luz da imprevidente Macabéa em sua hora de estrela. Macabéa parece cumprir o mesmo destino das estrelas que fulguram a mais intensa luz no exato momento de morrer.

Nessa morte-vida, nesse renascer em estrela anã, ou um buraco negro, que a tudo atrai para o seu enigma abissal – a luz, os corpos, os sons, o que conhecemos como matéria viva: “e da cabeça um fio de sangue inesperadamente vermelho e rico. O que queria dizer que apesar de tudo ela pertencia a uma resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito” (idem, ibidem).

Nas sendas dessa falsa epifania, essa personagem parece mesmo cumprir um destino antitético ao dos mitológicos Macabeus que, em suas gestas, em seus gritos de guerra, eram impulsionados para as sagas heroicas a que davam a vida para, assim, realizar suas grandes façanhas: vencer os inimigos, conquistar territórios e o direito ao ecoar de seus gritos, à memória que guardamos dos grandes heróis.

E assim, mais uma vez, Macabéa se engana por acreditar que finalmente terá a experiência da mudança do seu destino. Sequer atina com o impacto que a deixa prostrada no chão, acreditando que “sua

queda não era nada, pensou, era apenas um empurrão” (idem, ibidem). Até em seu momento de agonia derradeira, a nordestina se deixa levar por uma particular reflexão metafísica, dando como começo aquele que seria o seu derradeiro momento, sopro de vida: “hoje, pensou ela, hoje é o meu primeiro dia de minha vida: nasci” (idem, p. 99).

No último verso de seu poema “A palavra”, Stefan George pronuncia que “Nenhuma coisa seja onde a palavra faltar”. Na audácia de reformulação do verso do poeta, Heidegger como que sentencia a tragicidade de Macabéa, a sua hora da estrela: “nenhuma coisa é onde falta a palavra” (HEIDEGGER, 2003, p. 125).

Referências

- AGAMBEN, G. *Infância e história*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- BARTHES, R. *Ensaios críticos*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- . A escrita e o silêncio. In: *O grau zero da escrita*. Trad. de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- . *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. Trad., introd., org. e seleção: Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- D'ANGELO, A. C. Consumo global, cultura local. *Comunicação, Mídia e Consumo – ES-PM*, São Paulo, v. 13, n. 4, ano 12, p. 108-114, jul.-ago. 2006.
- FEATHERSTONE, M. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Nobel, 1990.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- HEIDEGGER, M. *A caminho da linguagem*. Trad. de Márcia de Sá C. Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: São Francisco, 2003.
- LIPOVETSKY, G. *A felicidade paradoxal*. Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.
- ROCHA, M. E. M. Publicidade e cultura de consumo. Encruzilhada de sentidos. *Fronteiras – Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, v. II, n. 1, p. 115-130, dez. 2000.
- SLATER, D. *Cultura de consumo & modernidade*. São Paulo: Nobel, 2002.